

IDENTIDADE DO ALUNO EJA

*Gislaine Dias Florentino Ferreira*¹

*Liliane C. S. Alcântara*²

*Suzana Rondon Gahyva*³

RESUMO: Este artigo tem como origem uma pesquisa efetuada pelas autoras para o trabalho de conclusão do Curso de Especialização em Proeja, com o objetivo de traçar o perfil do aluno da Educação de Jovens e Adultos. Como metodologia, utilizou-se a pesquisa bibliográfica e coleta de dados. A pesquisa teve como sujeitos alunos da 1ª Fase do Ensino Médio do turno vespertino da Escola Estadual Professora Emília Fernandes de Figueiredo. Concluiu-se, após a análise da pesquisa, que o grande traço definidor do aluno da Eja é a caracterização social de um grupo heterogêneo, com necessidades cognitivas homogêneas.

PALAVRAS-CHAVE: Andragogia, identidade do aluno Eja, inclusão.

ABSTRACT: This study has its origins from a research carried out by the authors for a conclusion paper required by Proeja post graduation course. The objective of the research was outlining the profile of the students from the Eja modality. The methodology counted on the bibliographic research and data gathering with students from the 1st phase of the morning school classes of the State High School Professora Emilia Fernandes de Figueiredo. The findings revealed that the main defining attribute of the Eja's students is the social characterization of a heterogeneous group, with homogeneous cognitive needs.

KEYWORDS: Andragogy, Eja students' identity, inclusion.

-
- 1 Especialista em Proeja, pelo IFMT – Campus Cuiabá; professora de Língua Portuguesa e Espanhola na Secitec – Sinop. E-mail: gislainetd@hotmail.com.
 - 2 Mestre em Administração, pela Faculdade de Administração do Estado de São Paulo (Faes-IPCA); professora de Administração do IFMT – Campus Cuiabá. E-mail: lilianecsa@yahoo.com.br.
 - 3 Especialista em Proeja, pelo IFMT – Campus Cuiabá; coordenadora da Eja-Seduc, em Cuiabá. E-mail: suzanarondon@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

Neste artigo, tece-se uma análise do perfil do aluno da Eja, revelando-o como um aluno inovador, crítico e reflexivo e com projetos de futuro. Pretende-se que esse perfil do aluno da Eja seja utilizado como referencial na construção de um currículo que atenda as necessidades desse público alvo. Para tanto, retomam-se conceitos e constatações de diferentes autores.

Para estabelecer esse perfil, tomou-se como base uma pesquisa de campo realizada na Escola Estadual Professora Emília Fernandes de Figueiredo, localizada no município de Cuiabá-MT. O objetivo deste trabalho foi construir a identidade do aluno da Eja a partir da problemática vivenciada nas práticas pedagógicas, motivada por angústias e reflexões, buscando resposta para a seguinte pergunta: Quem é o aluno da Eja?

A hipótese utilizada para responder a essa problemática foi: “A heterogeneidade social do aluno da Eja responderá a inúmeras indagações feitas pelos profissionais envolvidos nesta modalidade de ensino e nortearão as ações pedagógicas e políticas destes”.

Nesse sentido, a pesquisa justificou-se pela necessidade de construir a identidade do aluno da Eja, enfatizando sua singularidade, sua especificidade social, visando nortear as práticas pedagógicas e políticas públicas que envolvem a formação de jovens e adultos em nosso País.

TRAJETÓRIA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL

O acesso e permanência na escola sempre estiveram ligados ao poder econômico. Os desvalidos da sorte sempre foram excluídos do processo educativo. Portanto, pode-se compreender que a educação sempre esteve a serviço da classe dominante.

Entre 1549 e 1759, a educação no Brasil chegou com os Jesuítas para catequizar os índios e impedir o avanço da Reforma Protestante. A partir de 1760, com a expulsão dos jesuítas, o ensino começa a ser financiado

pelo poder que representa a Coroa Portuguesa, com professores mal qualificados e mal remunerados. Os estudos foram simplificados e abreviados e eram voltados para a formação do trabalhador.

Entre 1808 e 1821, com a vinda da Família Real, criam-se os ensinos Primário, Secundário e Superior. Com o retorno da Família Real a Portugal e a permanência de Dom Pedro I no Brasil, a educação primária gratuita destinava-se somente aos filhos dos cidadãos livres. Naquela época, privilegiou-se a educação profissionalizante.

No Período Imperial (1822 a 1888), surgem registros de caráter assistencialista da educação profissional no Brasil, principalmente destinada a amparar órfãos e os demais “desvalidos da sorte”. Em 1809, um Decreto do Príncipe Regente, futuro D. João VI, criou o Colégio das Fábricas.

Entre 1889 e 1929, com a Proclamação da República, houve as reformas de Benjamim Constant, Rivadávia Correa e João Luiz Alves, bem como o Código de Eptácio Pessoa. Tais reformas mostraram que a educação esteve à mercê das conjunturas políticas da época. Com a Segunda República, entre 1930 e 1936, o Brasil inicia seu processo de industrialização. Cria-se um Ministério relacionado à Educação o que não havia anteriormente, demonstrando que a educação passa a ser um ponto chave do Estado. Após muitos movimentos em prol da educação, ela é entendida e estruturada como um direito de todos e de responsabilidade da família e do Estado. A partir de 1930, a educação de adultos começa a delimitar seu lugar na história da educação no Brasil.

Com o Estado Novo, entre 1937 e 1945, o mundo capitalista pressiona a educação e seu foco visa à preparação de mão-de-obra para o mercado de trabalho. A arte, a ciência e o ensino são entendidos como de livre iniciativa de particulares, retirando assim o dever do Estado sobre a educação. Porém, mantém a obrigatoriedade e gratuidade do ensino primário. A partir desse período, acentua-se ainda mais a dicotomia entre o trabalho intelectual e o manual em que o intelectual é voltado para a classe dominante, e o manual para os desvalidos da sorte. Ocorre a ampliação da educação elementar, inclusive da educação de jovens e

adultos. Nesse período, a educação de adultos toma a forma de Campanha Nacional de Massa.

Com o período da Nova República, entre 1946 e 1963, o preceito da educação como direito de todos ressurge, dando início à discussão de uma reforma geral para a educação no Brasil. Somente após 13 anos de discussões, a reforma se consolidou e as reivindicações da classe dominante e da igreja se sobressaíram. Por outro lado, iniciativas como a campanha pelo método de alfabetização de Paulo Freire ocorreu em alguns estados brasileiros. A Campanha Nacional de Massa se extinguiu antes do final da década de 50 devido às críticas que eram dirigidas tanto às suas deficiências administrativas e financeiras, quanto à sua orientação pedagógica.

Entre 1964 e 1985, com o Golpe Militar, as iniciativas de revolucionar a educação no Brasil são abortadas, e estudantes e intelectuais foram perseguidos, mortos ou exilados. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação consolidou a abordagem tecnicista e deu ênfase à quantidade e não à qualidade do ensino. Em função das políticas anteriores, neste período, o Governo enfrentou uma grave crise relacionada ao analfabetismo. Por isso, foi criado o Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral) e, mesmo expurgado, o método de Paulo Freire foi o adotado. O Mobral expandiu-se por todo o território nacional, diversificando sua atuação. Das iniciativas que derivaram desse programa, o mais importante foi o Programa de Educação Integrada (Pei), sendo uma forma condensada do antigo curso primário.

A partir da década de 80, com os movimentos sociais e início da abertura política, os projetos de alfabetização se desdobraram em turmas de pós-alfabetização. Com a extinção do Mobral, foi criado em seu lugar a Fundação Educar, que apoiava, financeira e tecnicamente, as iniciativas do governo, das entidades civis e das empresas.

A partir de 1990, o Brasil assumiu, formalmente, inúmeros compromissos internacionais referentes à universalização da alfabetização e da educação básica, tornando-se signatário de documentos que se filiam à Organização das Nações Unidas.

Naquele período, a Fundação Educar foi extinta e criou-se um enorme vazio na Educação de Jovens e Adultos. Alguns estados e municípios assumiram a responsabilidade de oferecer programas de Educação de Jovens e Adultos, mas eram fundamentais reformulações pedagógicas. Na Conferência Mundial de Educação para Todos, em Jomtiem-Tailândia, diretrizes planetárias para a Educação de Crianças, Jovens e Adultos foram estabelecidas.

Em 1997, aconteceu em Hamburgo-Alemanha a V Conferência Internacional de Educação de Jovens, promovida pela Organização das Nações Unidas para a Educação (Unesco). Ela representou um importante marco, porque estabeleceu a vinculação da educação de adultos com o desenvolvimento sustentável e eqüitativo da humanidade.

Próximo ao século XXI, criam-se diversos instrumentos legais de garantia da obrigatoriedade e a gratuidade da oferta da educação para todos aqueles que não tiveram acesso à educação formal na idade própria, tais como: Lei de Diretrizes e Bases da Educação, em 1998; Parecer nº 11/00 – CEB/CNE; Resolução nº 01/00 – CNE; Resolução nº 180/00 – CEE/MT; e Decreto nº 5.840, de 13/07/06, que institui, no âmbito Federal, o Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos – Proeja.

Através dessa legislação e dentro do contexto político, econômico, social e cultural de mudanças, deve-se questionar qual o papel da Escola: preparar indivíduos apenas para o mundo do trabalho ou permitir o acesso destes ao desenvolvimento de saberes e competências necessárias para sua inserção como cidadãos críticos e participativos?

Deve-se entender a Eja como instrumento de inclusão social e de inserção no mercado de trabalho de jovens e adultos que não tiveram acesso à educação na idade própria, proporcionando condições para que essa parte da população construa sua cidadania e possa ter acesso à qualificação profissional, aumentando assim, as taxas de escolarização. Segundo Fonseca, apud Oliveira (1999, p. 15),

[...] ainda que a designação ‘Educação de Jovens e Adultos’ nos remeta a uma caracterização da modalidade pela idade dos alunos a que atende, o grande traço definidor da Eja é a caracterização sociocultural de seu público, no seio da qual se deve entender este corte etário que se apresenta na expressão que a nomeia.

Assim, para estabelecer o perfil do aluno da Eja, é necessário considerar estes alunos como um público heterogêneo, com uma bagagem sociocultural empírica, cabendo ao educador atender este perfil com propostas pedagógicas diferenciadas, inserindo-os na sociedade com direito à cidadania, a trabalho e à autonomia.

As perspectivas da educação atual remetem à necessidade de dinamizar o processo de ensino e aprendizagem da Eja, suprimindo a condição do docente de mero transmissor de conhecimento e substituindo-o por um sujeito que seja capaz de analisar sua prática, intervir e construir um percurso inovador.

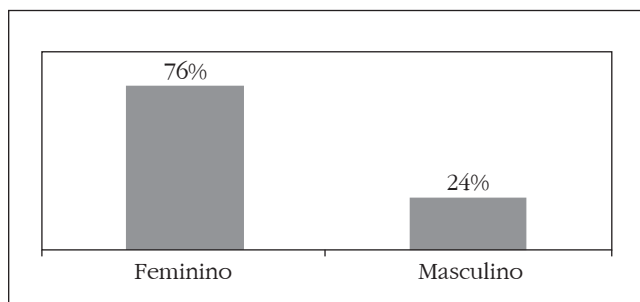
Para o desenvolvimento desta pesquisa, foi realizado um estudo de caso por meio do método indutivo, derivado da observação da realidade concreta da Escola Estadual Professora Emília Fernandes de Figueiredo do período vespertino, situada a Rua General Vale, s/nº, da cidade de Cuiabá-MT. O instrumento de coleta de dados utilizado foi a aplicação de 50 questionários semi-estruturados, com 13 perguntas cada, sendo 7 fechadas e 6 abertas. Teve como público-alvo 50 alunos de um universo de 140 alunos, com idade entre 17 e 63 anos, do Ensino Médio da modalidade da Eja.

ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS: ESTUDO DE CASO DA ESCOLA EMÍLIA FERNANDES DE FIGUEIREDO

Os resultados da pesquisa realizada em outubro de 2007, com uma amostra de 50 alunos da 1ª fase da Escola Estadual Professora Emília Fernandes de Figueiredo, localizada na Rua General Valle, s/nº, Centro, Cuiabá-MT, foram os seguintes:

SEXO

Figura 1. Porcentagem de Alunos que Participaram da Pesquisa, por Sexo.

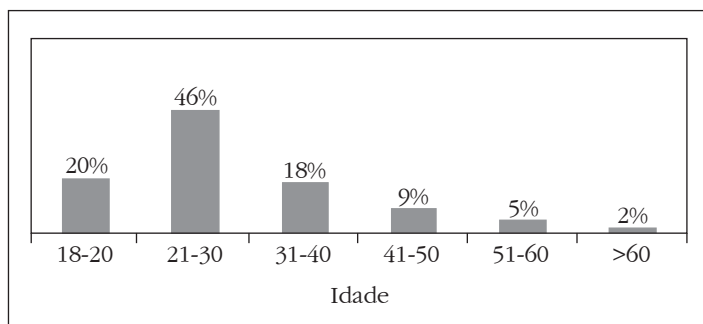


Há predomínio do sexo feminino, o que infere a maior exclusão das mulheres na educação regular. Os dados confirmam a análise da pesquisa realizada em 2002, pela Pastoral da Criança, a qual afirma que a falta de alfabetização das mães é uma das principais causas da desnutrição infantil.

Conforme Gadotti (2003), “reforçam a convicção de que não há sociedades que tenham resolvido seus problemas, sem equacionar devidamente os problemas de educação e não há países que tenham encontrado soluções de seus problemas educacionais sem equacionar devida e simultaneamente a educação de adultos e a alfabetização”. Essa afirmação confirma que a política da Eja, por meio da educação, poderá alterar as práticas de saúde e de nutrição em benefício das famílias.

IDADE

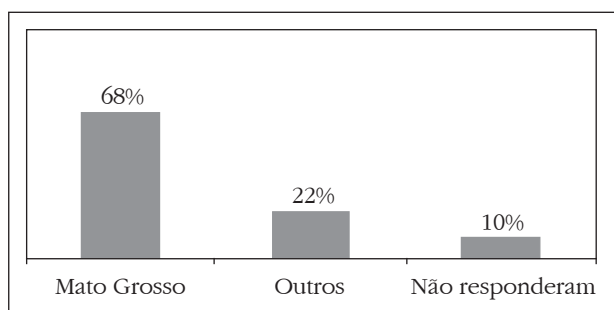
Figura 2. Porcentagem de Alunos que Participaram da Pesquisa, por Idade.



A População Economicamente Ativa (Pea), aquela que exerce atividade extra doméstica e participa diretamente do mercado de trabalho (18-59 anos), supera a população inativa ou dependente, formada por aposentados, crianças, inválidos, e aqueles que se dedicam apenas aos trabalhos domésticos. A faixa etária predominante é de 21-30 anos. Os dados confirmam a importância da Eja, para a cidadania, o trabalho e a renda numa era de desemprego crescente e reafirmam a inegável responsabilidade do Estado diante dessa modalidade de ensino.

ESTADO DE ORIGEM

Figura 3. Naturalidade dos Alunos que Participaram da Pesquisa.

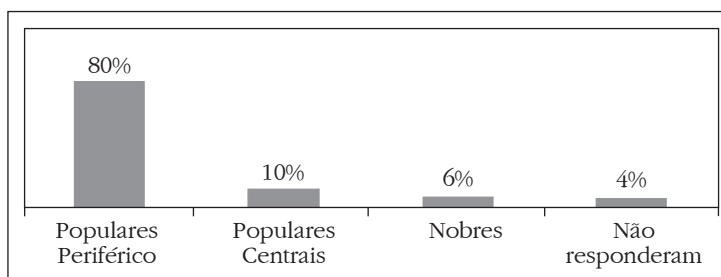


O predomínio de educandos mato-grossenses demonstra a redução acentuada da taxa de crescimento relativo do nosso Estado a partir do ano de 2000, quando o censo oficial apontou 23,72%, comparada com as taxas recordes dos períodos 1960-1970 (85,38%), 1970-1980 (85,79%), 1980-1991 (78,03%). Essa desaceleração foi mais acentuada ainda de 1991 a 2000, inclusive algumas micro-regiões tiveram decréscimo populacional, como: Jauru (-5,07%), Colíder (-6,91%), Alta Floresta (-10,31%), Tesouro (-11,27%) e Alto Paraguai (-24,51%), assim como a micro-região de Primavera do Leste apresentou um crescimento relativo populacional de 207,92% (MORENO e HIGA, 2005). Nos últimos anos, o crescimento populacional do nosso Estado não foi um processo espacial homogêneo, e esta realidade foi detectada nas salas de aula da Eja pesquisada.

Isto é um indicador de que pode aferir a redução da heterogeneidade cultural nas salas da Eja que predominou na década de 80, como resultado dos incentivos fiscais, valorização do solo do Cerrado, na forma de produzir e na articulação com o mercado (a valorização do agronegócio) e reforça a necessidade de preparar o educando para o mundo do trabalho e para esta nova realidade do mercado profissional mato-grossense: mecanização da atividade agrícola, exigência de uma mão-de-obra informatizada para lidar com as modernas máquinas agrícolas, formar um trabalhador empreendedor para montar seu próprio negócio no setor de serviços, evitando assim o desemprego e a sua exclusão social.

BAIRROS ONDE RESIDEM

Figura 4. Bairros onde Residem os Alunos que Participaram da Pesquisa.



Os bairros periféricos populares mais citados pelos entrevistados em ordem decrescente foram: Tijucal, Pedregal, Osmar Cabral, Jardim Imperial, Morada da Serra, Jardim Renascer, Jardim Gramado, Centro América, Três Barras, Primeiro de Março e Jardim Independência. Os bairros Jardim Aeroporto, localizado em Várzea Grande, e o Distrito da Guia em Cuiabá também foram citados. Os bairros centrais citados foram: Dom Aquino, Novo Terceiro, Campo Velho e Areão. Os bairros nobres foram: Bosque da Saúde, Santa Cruz e Boa Esperança.

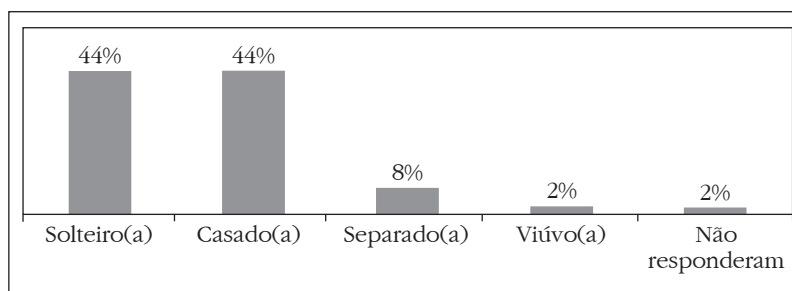
Essas respostas se constituem em um dos indicadores da heterogeneidade social e econômica da nossa clientela, alertando os profissionais que com ela trabalham a necessidade da flexibilização do currículo, do horário de entrada e saída, da carga horária, reforçando a observação feita por Haddad (1994, p. 86):

A Educação de adultos no Brasil se constitui muito mais como produto da miséria social do que do desenvolvimento. É consequência dos males do sistema público regular de ensino e das precárias condições de vida da maioria da população, que acabam por condicionar o aproveitamento da escolaridade na época apropriada.

É este marco condicionante - a miséria social-que acaba por definir as diversas maneiras de se pensar e realizar a Educação de Jovens e Adultos. É uma educação para pobres, para jovens e adultos das camadas populares, para aqueles que são maioria nas sociedades do Terceiro Mundo, para os excluídos do desenvolvimento e dos sistemas educacionais de ensino. Mesmo constatando que aqueles que conseguem ter acesso aos programas de Educação de Jovens e Adultos são os com “melhores condições” entre os mais pobres, isto não retira a validade intencional do seu direcionamento aos excluídos.

ESTADO CIVIL

Figura 5. Estado Civil dos Alunos que Participaram da Pesquisa.

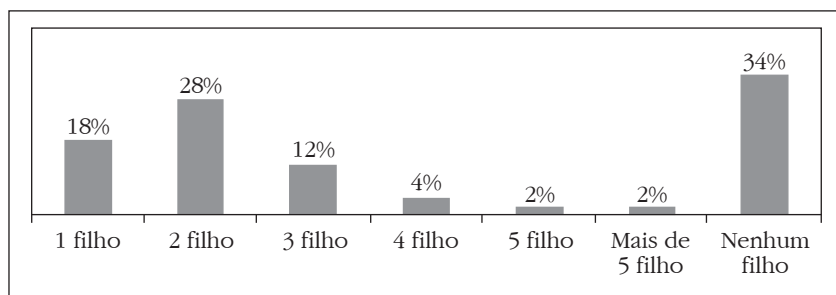


Oliveira (1999) explicita essa marca sociocultural como aspecto determinante na definição do que temos entendido como EJA, ao afirmar que “esse território da educação não diz respeito a reflexões e ações educativas dirigidas a qualquer jovem ou adulto, mas delimita um determinado grupo de pessoas relativamente homogêneo no interior da diversidade de grupos culturais da sociedade contemporâneas”. Pergunta-se: ou um grupo heterogêneo no interior da diversidade de grupos culturais da sociedade contemporânea?

Detectar as singularidades dos alunos da Eja, reconhecê-los como portadores de culturas, de saberes, de independência trazida pela maturidade, de experiências que o marcaram é fundamental para os profissionais que trabalham com essa modalidade e condição necessária para o aluno aceitar ou não as informações que chegam de acordo com suas necessidades cotidianas.

FILHOS

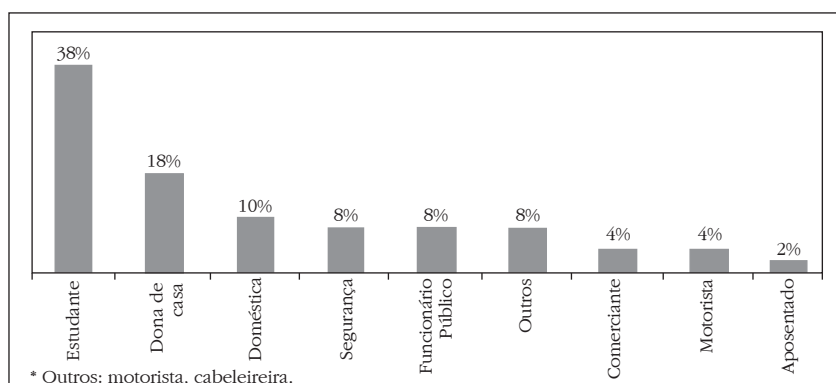
Figura 6. Número de Filhos dos Alunos que Participaram da Pesquisa.



Os dados demonstram que 16 educandos jovens (18-22 anos) não possuem filhos, apenas 3 (três) educandos que compõem esta faixa etária possuem, respectivamente, um e dois filhos. Outro dado interessante é o controle de natalidade espontâneo, pois a maioria dos alunos possui menos de 3 filhos, demonstrando que, mesmo com pouca escolaridade, têm consciência do alto custo de formação do indivíduo na sociedade moderna. Levando em consideração que a predominância na Eja é de mulheres, comprova-se que esta postura é uma preocupação do sexo feminino. Mulheres que controlam a natalidade caracterizam uma sociedade em desenvolvimento.

PROFISSÃO

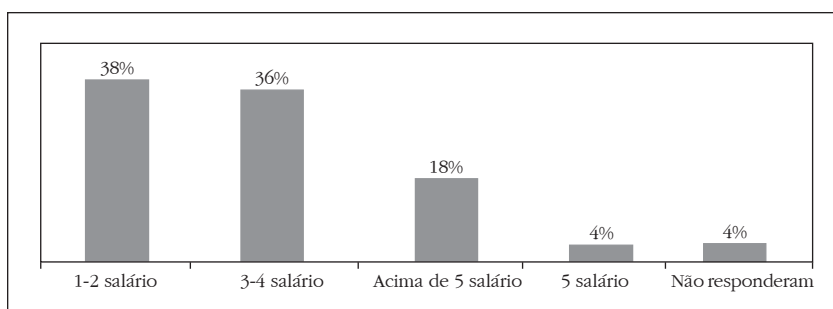
Figura 7. Naturalidade dos Alunos que Participaram da Pesquisa.



Os jovens (18-20 anos) são estudantes, não trabalham para ajudar no orçamento familiar e, quando o fazem, é informalmente: pequenos “bicos” temporários. No turno vespertino, é expressivo o número de donas de casa que buscam agora, na maturidade, a escolaridade à qual não tiveram acesso na infância e juventude. No período vespertino, o foco da Eja é o aluno trabalhador.

RENDA FAMILIAR

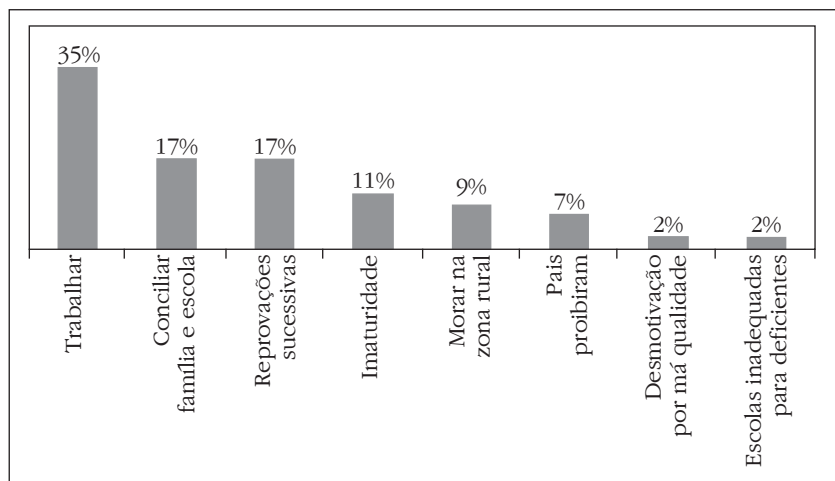
Figura 8. Renda Familiar dos Alunos que Participaram da Pesquisa.



A renda familiar predominante é de 1-4 salários mínimos, con-
dizentes com a profissão que exercem, demonstrando que são
trabalhadores de baixa renda exatamente porque não possuem o
pré-requisito fundamental exigido pelos melhores empregos: a es-
colaridade e a qualificação profissional, o que justifica que a meta
da maioria dos alunos entrevistados seja ganhar mais e melhorar
sua qualidade de vida.

POR QUE PAROU DE ESTUDAR?

Figura 9. Por que os Alunos que Participaram da Pesquisa Pararam de Estudar.



Essas respostas, segundo Oliveira (2008), reforçam duas reflexões dos 14 princípios em apologia aos 14 pontos de Deming: “A experiência é o melhor elemento motivador do aluno. Portanto, o ambiente de aprendizagem com pessoas adultas é permeado de liberdade e incentivo para cada indivíduo falar de sua história, idéias, opinião, compreensão e conclusões” e

A práxis educacional do adulto é baseada na reflexão e ação, consequentemente os assuntos devem ser discutidos e vivenciados, para que não se caia no erro de se tornar verbalistas – que sabem refletir, mas não são capazes de colocar em prática; ou ativistas – que se apressam a executar, sem antes refletir nos prós e contras (ibid.).

Diante destas reflexões, devemos pensar no aluno que estamos formando, identificando primeiramente sua necessidade de conhecimento, que tenha significado no seu dia-a-dia, focando na aprendizagem e não

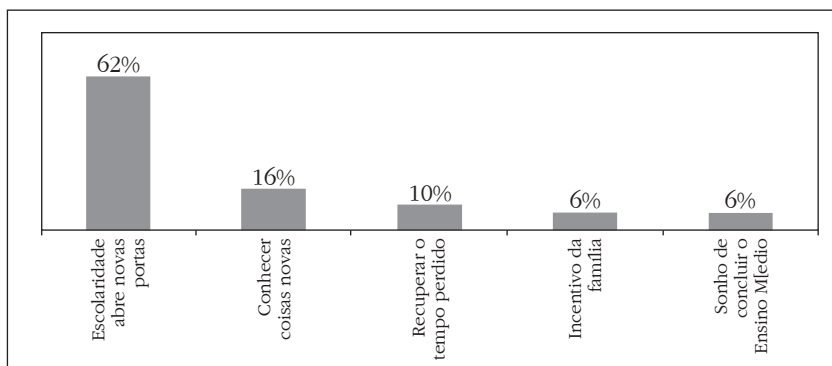
no ensino, reforçando os paradigmas da Educação Popular preconizada por Freire, apud Gadotti (2003, p. 20):

- a) a educação como produção e não meramente como transmissão do conhecimento;
- b) a defesa de uma educação para a liberdade, pré-condição da vida democrática;
- c) a recusa do autoritarismo, da manipulação, da ideologização que surge também ao estabelecer hierarquias rígidas entre o professor que sabe (e por isso ensina) e o aluno que tem que aprender (e por isso estuda);
- d) a defesa da educação como um ato de diálogo no descobrimento rigoroso, porém, por sua vez, imaginativo, da razão de ser das coisas;
- e) a noção de uma ciência aberta às necessidades populares e
- f) um planejamento comunitário e participativo.

Estimular a responsabilidade social, formar um profissional competente, com auto-estima, seguro de sua habilidade profissional e comprometido com a sociedade a qual deverá servir é responsabilidade dos profissionais comprometidos com a Educação de Jovens e Adultos.

POR QUE VOLTOU A ESTUDAR?

Figura 10. Por que os Alunos que Participaram da Pesquisa Voltaram a Estudar.



Seguem alguns depoimentos: *“Porque com o tempo possui a ter uma outra visão a vida, e sem o estudo, é como se na fisessemos parte da sociedade, além é claro quem sem estudos, nós não sobrevivemos, já que fala trabalho exige conhecimento”* (aluna, 46 anos, do lar).

“Voltei a estudar por não saber nada do meu país, estava se tornando um analfabeto, senti a necessidade urgente de voltar a estudar” (aluno, 49 anos, aposentado). *“Porque o mundo e trabalho está muito competitivo e exigindo melhor qualificação”* (aluno, 26 anos, vigilante). *“Voltei, porque hoje penso diferente; sem o estudo não somos ninguém”* (aluna, 39 anos, dona de casa). *“Voltei porque pretendo fazer uma faculdade e vou conseguir”* (aluna, 27 anos, funcionária pública). *“Bom, hoje a minha situação está mais ou menos, eu preciso terminar para arrumar um emprego melhor para ter um sustento aos meus filhos”* (aluna, 29 anos, doméstica). *“Devido à cobrança no mercado de trabalho; realização pessoal”* (aluna, 29 anos, auxiliar de enfermagem). *“Porque eu vi que o estudo é tudo na vida e que ninguém pode tirar de mim e que com isso eu terei uma profissão digna”* (aluna, 20 anos, doméstica).

As respostas acima comprovam a observação feita por Cavalcanti (1999, p. 40):

[...] a idade adulta traz a independência. O indivíduo acumula experiências de vida, aprende com os próprios erros, apercebe-se daquilo que não sabe e o quanto este desconhecimento faz-lhe falta. Escolhe uma namorada, ou esposa, escolhe uma profissão e analisa criticamente cada informação que recebe, classificando-a como útil ou inútil.

Isso permite afirmar que, dependendo de como for conduzido o processo de aprendizagem, ele poderá ser classificado como inútil, provocando de novo a exclusão do mundo letrado.

A ESCOLA IDEAL

Tabela 1. Descrição da Escola Ideal Feita pelos Alunos que Participaram da Pesquisa.

Descrição	Nº de Alunos	Porcentagem (%)
Escola que tem biblioteca, laboratórios de informática, de ciências, salas climatizadas, que tem quadras de esportes para ministrar aulas práticas de educação física e para prática de esporte em geral.	28	56
Escola que trata o aluno com respeito, aquela que o diretor é competente, os professores qualificados e, ensinam de verdade e o aluno aprende mesmo.	10	20
A escola Emília Fernandes de Figueiredo.	5	10
Escola que ofereça ensino médio profissionalizante, somente para adultos.	4	8
Escola com horário integral.	1	2
Escola com gestão compartilhada.	1	2
Escola que ofereça segurança aos alunos.	1	2

Seguem alguns depoimentos colhidos: “*Uma escola parecida com a escola Emilia, com algo mais como laboratório, biblioteca, curso profissionalizante*” (aluna, 28 anos, estudante). “*Uma escola que seja modelo, com piscina, sala de computação, Aula De Ginástica na EDU: FISICA*” (aluna, 36 anos, do lar). “*A escola onde podemos ter um bom aprendizado, com salas climatizadas, bons professores, onde os alunos são respeitados, aqui no Emília temos tido isso*” (aluna, 34 anos, estudante). “*A escola ideal para mim é uma escola que vê o aluno em 1º lugar. Teria que ter uma biblioteca completa com computadores para pesquisa, para que o aluno tenha oportunidade para fazer seus trabalhos*” (aluna, 39 anos, do lar). “*A escola ideal: e esta a onde eu encontrei apoio dos professores que são muito queridos*” (aluna, 63 anos, estudante). “*Com certeza Emilia F. Figueiredo Com certeza a melhor escola que já estudei*” (aluna, 27 anos, funcionária pública). “*Onde todos aprendem*” (aluno, 31 anos, segurança). “*Onde*

me posso sentir a vontade e aprender” (aluna, 22 anos, doméstica).
“Onde me sinto seguro, feliz e um bom aprendizado” (aluno, 29 anos, motorista).

Seria interessante transcrever todas as respostas dadas a essa pergunta, pelo tanto que revelaram sobre a relação aluno-escola, a importância da sinergia entre professores e alunos, a busca de apoio dos alunos em relação aos mestres, como afirmou uma aluna (18 anos): *“A escola ideal é aquela que nos incentiva até o fim”*.

A ESCOLA REAL

Figura 11. Descrição da Escola Estadual Prof^a Emília Fernandes de Figueiredo, pelos Alunos que Participaram da Pesquisa.

Descrição	Nº de Alunos	Porcentagem (%)
É uma boa escola que tem compromisso com o aprendizado, mas precisa de mais professores qualificados e mais recursos didáticos, como computadores, laboratórios, biblioteca com o acervo básico para execução de pesquisas.	23	46
Falta estrutura física para atender melhor aos alunos, falta merenda, computadores, biblioteca de qualidade, professores mais qualificados, tem todas as falhas das escolas publicas do Estado, falta segurança para os alunos.	14	28
Não entenderam a pergunta e responderam sem lógica, não puderam ser analisados.	10	20
Alunos são muito desinteressados, bagunceiros apesar, do professor possuir interesse em ensinar.	02	4
Todos os alunos são amigos.	01	2

Depoimentos de alguns alunos sobre a escola: *“A minha escola tem bons professores, tem ar condicionado e ventiladores, tem alunos: bem diferentes de mim. Mas eu acho isso bom, porque nós devemos aprender também a conviver com as diferenças”* (aluna, 28 anos, estudante). *“Eu gosto da minha escola e mais ainda da sala - E tudo*

que eu procurava estou com colegas que tem minha idade pença como eu” (aluna, 36 anos, do lar). *“Emília Figueiredo uma escola que me ajudam a aprender matemática e que eu aprendi a conhecer sobre as outras matérias e que não deve acabar”* (aluna, 20 anos, doméstica). *“Uma boa escola que não deixe eu desistir”* (aluna, 18 anos, estudante). *“Carece de mais manutenção, melhor acompanhamento dos alunos com dificuldade”* (aluno, 35 anos, pastor). *“A realidade da escola publica e do ensino de modo geral esta precaria e plano de mudanças é pouco”* (aluna, 35 anos, esteticista). *“A escola que eu estudo é orivel”* (aluna, 17 anos, estudante).

Os depoimentos demonstram a criticidade dos alunos entrevistados em relação à qualidade da educação que lhes é oferecida e confirmam a necessidade de que sejam sepultadas práticas de aligeiramento e suplência existentes ainda em muitas escolas da Eja e a necessidade de se pensar a escola como Escola da Eja. Segundo Gadotti (2003, p. 4):

A ‘Escola de EJA’ precisa preparar-se para facilitar o acesso e a permanência do adulto. Essa preparação supõe-se:

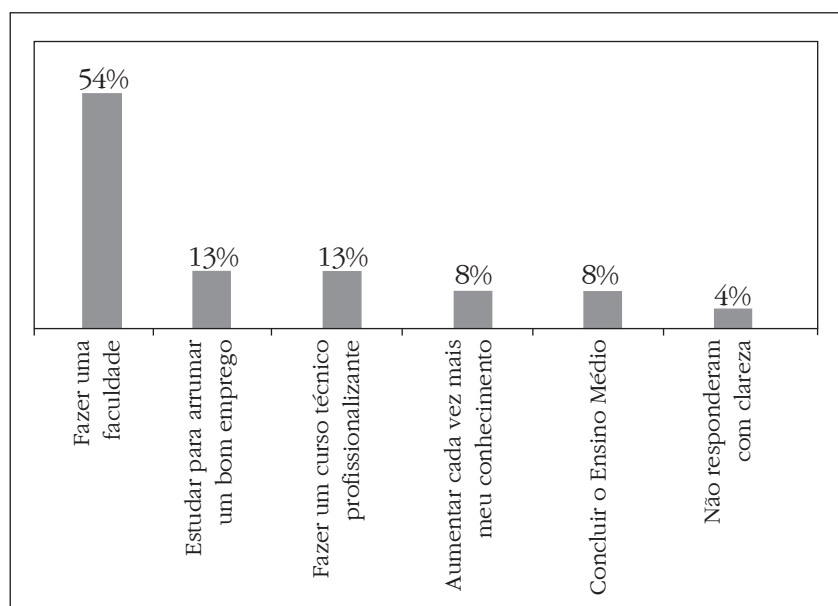
- a) uma estrutura adequada da escola a EJA
- b) um projeto político-pedagógico que inclua EJA
- c) uma concepção de EJA que estabeleça a sua especificidade não como uma carência (“suplência)de algo, mas como uma “modalidade de “educação básica”.

A pesquisa de Kelvin Miller, apud Cavalcanti (ibid., p. 10), afirma que estudantes adultos retêm apenas 10% do que ouvem, após 72 horas. Entretanto serão capazes de lembrar 85% do que ouvem, vêm e fazem, após o mesmo prazo.

Isso significa que a prática andragógica da Eja deve priorizar a construção das competências exigidas para enfrentar o século XXI: criatividade, visão globalizada, coletividade e conexão com o mundo. Não se pode lhes negar os instrumentos necessários à construção dessas habilidades necessárias para essa inclusão.

META: QUAL A SUA META, OU SEJA, SEU PROJETO DE FUTURO

Figura 12. Descrição do Projeto de Futuro dos Alunos que Participaram da Pesquisa.



Seguem alguns depoimentos dos alunos entrevistados: “*Terminar o 2º grau e ingressar na faculdade de medicina*” (aluna, 17 anos, estudante). “*Ser uma pessoa capaz de concretizar meus ideais*” (aluna, 18 anos, estudante). “*Ser uma advogada e se tornar uma pessoa mais digna do que já sou*” (aluna, 18 anos, estudante). “*Concluir os estudos ter uma profissão e ser exemplo para muitos com determinação*” (aluna, 19 anos, estudante). “*Poder me formar em uma faculdade e mostrar aos meus filhos e irmãos que quando queremos podemos*” (aluna, 45 anos, do lar). “*Terminar o Eja, e ingressar em uma Faculdade Federal, me formar e ser útil dentro da profissão que eu escolher, e ao mesmo tempo beneficiar a minha família c/ meu trabalho*” (aluna, 46 anos, do lar).

A maioria pretende fazer uma Faculdade, tem projeto de futuro, sente a necessidade e a importância da formação escolar e técnica, para romper a exclusão que lhes foi imposta pela sociedade e, conseqüentemente, sua inclusão no mercado de trabalho.

CONCLUSÃO

Por meio dos estudos desenvolvidos, percebe-se que a Educação de Jovens e Adultos é uma prática tão antiga quanto à história da espécie humana, ainda que só recentemente ela tenha sido objeto de pesquisa científica. Cristo já usava de parábolas para provocar a reflexão e ação nos seus seguidores a respeito dos princípios dos seus ensinamentos.

Outros, na Antigüidade, como Confúcio e Lao Tse, na China; Aristóteles, Sócrates e Platão na Grécia antiga; Cícero, Evelid e Quintillian, na antiga Roma, foram também exclusivos educadores de adultos. Igualmente, para os grandes filósofos, a aprendizagem era um processo de ativa indagação e não de passiva recepção de conteúdos transmitidos (GRUPO EMPRESARIAL ADM, 2006, p. 1).

Eduard C. Linderman, apud Goecks (2008), foi um dos maiores contribuidores para pesquisa da educação de adultos através do seu trabalho *The Meaning of Adult Education*, publicado em 1926. Linderman identificou, pelo menos, cinco pressupostos-chave para a educação de adultos e que mais tarde transformaram-se em suporte de pesquisas. Hoje, eles fazem parte dos fundamentos da moderna teoria de aprendizagem de adulto:

1. Adultos são motivados a aprender à medida que experimentam que suas necessidades e interesses serão satisfeitos. Por isto estes são os pontos mais apropriados para se iniciar a organização das atividades de aprendizagem do adulto;
2. A orientação de aprendizagem do adulto está centrada na vida; por isto as unidades apropriadas para se organizar seu programa de aprendizagem são as situações de vida e não disciplinas;

3. A experiência é a mais rica fonte para o adulto aprender; por isto, o centro da metodologia da educação do adulto é a análise das experiências;
4. Adultos têm uma profunda necessidade de serem autodirigidos; por isto, o papel do professor é engajar-se no processo de mútua investigação com os alunos e não apenas transmitir-lhes seu conhecimento e depois avaliá-los;
5. As diferenças individuais entre pessoas cresce com a idade; por isto, a educação de adultos deve considerar as diferenças de estilo, tempo, lugar e ritmo de aprendizagem (ibid.).

Vários pesquisadores deram suporte para o desenvolvimento da Andragogia como ciência da educação de adulto. A partir de 1949, foram integradas através de várias publicações, mas o significado da palavra Andragogia veio somente em 1960, através de Malcolm Knowles após contato com um educador yugoslavo, que participava de um Workshop de Verão na Universidade de Boston. Foi ele que entendeu o significado da palavra e a adotou como a mais adequada para expressar a “arte e ciência de ajudar adultos a aprenderem”.

Diante desta análise, é possível afirmar que o adulto é maduro suficiente para assumir as responsabilidades por seus atos diante da sociedade e é dotado de consciência crítica e consciência ingênua. Sua postura pró-ativa ou reativa tem direta relação com seu tipo de consciência predominante.

Busca-se a desmistificação de que “a Eja representa uma dívida social não reparada para os que não tiveram acesso, nem domínio da escrita e da leitura como bens sociais” (PARECER CEB nº 11/2000).

O aluno da Eja não teve acesso à educação e, quando teve, não pôde permanecer na idade própria na Educação Básica por diversos motivos. Certamente, a necessidade de trabalhar e o desestímulo por repetidas reprovações são provavelmente as principais causas.

É difícil identificar os motivos que impedem ou dificultam o cidadão a ter acesso e a permanecer na escola, porque estes motivos são sinérgicos. Porém, identificar tais motivos permite que as práticas pedagógicas e as

políticas públicas que envolvem a formação de jovens e adultos sejam revisadas e adequadas as suas necessidades.

As demandas educativas no Brasil são identificadas, mas não qualificadas. Significa dizer que a construção do currículo na escola desconsidera as especificidades do público que será atendido. Esta decisão tem implicações catastróficas no acesso e permanência do aluno à educação, especialmente para o aluno da Eja.

Os medidores utilizados para aferir a qualidade da educação brasileira – criticados por aqueles que a boicotam, que a vêem apenas como um “rankiamento” e elogiada por aqueles que a vêem como um diagnóstico oficial do ensino brasileiro – confirmam a necessidade de elevar o nível das escolas nacionais, da articulação teoria-prática pedagógica, reflexão-ação, pesquisa-ensino, além de melhorias na estrutura física e pedagógica das escolas e da educação como um todo.

Por meio da pesquisa realizada, percebe-se que o aluno da Eja é um jovem e adulto que historicamente vem sendo excluído, quer pela impossibilidade de acesso à escolarização, quer pela exclusão da educação regular ou por ter que trabalhar. São alunos que estão inseridos no mercado de trabalho, ou que ainda esperam nele ingressar, que não visam apenas à certificação da escolaridade para manter sua situação profissional, mas que planejam concluir o Ensino Médio e chegar à Universidade para ascender socialmente e profissionalmente, rompendo barreiras preconceituosas, geralmente transpostas em função de um grande desejo de aprender.

O aluno da Eja, tão bem expressado por Linderman (1926), quando chega à escola, traz conhecimentos que podem não ser aqueles sistematizados por ela, mas que são saberes nascidos dos seus fazeres, exigindo, assim, uma mudança da concepção do ensino que requer professor e aluno como sujeitos do processo de ensino-aprendizagem.

Considerar a heterogeneidade desse público, quais seus interesses, suas identidades, suas preocupações, necessidades, expectativas em relação à escola, suas habilidades, enfim, sua vivência, torna-se de suma importância para a construção de uma proposta pedagógica que considere as especificidades do aluno da Eja e do Proeja. É fundamental perceber

quem é esse aluno/sujeito com o qual lidamos para que os conteúdos a serem trabalhados façam sentidos, tenham significado, sejam elementos concretos na sua formação, geral e profissional, preparando-o para uma intervenção significativa na sua realidade.

REFERÊNCIAS

CAVALCANTI, R. A. Andragogia: a aprendizagem de adultos. *Revista de Clínica Cirúrgica da Paraíba*, [s.l.], a. 4, n. 6, jul. 1999.

GADOTTI, Moacir. *Um cenário possível para o Brasil*. Disponível em:

<www.paulofreire.org/Moacir_Gadotti/Artigos/Portugues/Educacao_Popular_e_EJA/EJA_Um_cenario_posssivel_2003.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2007.

GOECKS, Rodrigo. *Educação de adultos*: uma abordagem andragógica. Disponível em: <<http://www.serprofessoruniversitario.pro.br/ler.php?modulo=1&texto=4>>. Acesso em: 5 jan. 2008.

GRUPO EMPRESARIAL ADM. *Andragogia*: a aprendizagem nos adultos. [s.l.:s.n.], 2006. Disponível em:

<http://www.grupoempresarial.adm.br/download/uploads/Andragogia%20A%20Aprendizagem%20nos%20Adultos_M9_AR.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2008.

HADDAD, Sérgio. Tendências atuais na Educação de Jovens e Adultos no Brasil. In: ENCONTRO LATINO-AMERICANO SOBRE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS TRABALHADORES, 1994, [s.l.]. *Anais...* Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, 1994. p. 86-108.

LINDERMAN, Eduard C. *The meaning of adult education*. USA: [s.n.], 1926. Disponível em: <<http://www.funape.ufpb.br>>. Acesso em: 12 fev. 2008.

MORENO, Gislaene; HIGA, Tereza C. Souza (Orgs.). *Geografia de Mato Grosso*: território, sociedade e ambiente. Cuiabá: Entrelinhas, 2005.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Educação (Anped), n. 12, p. 59-73, 1999.

OLIVEIRA, Ari Batista de. *Andragogia* – a educação de adultos. Disponível em: <<http://www.geocities.com/sjuvella/Andragogia.html>>. Acesso em: 11 fev. 2008.

PARECER CNE/CEB Nº 11/2000; RESOLUÇÃO CNE/CEB Nº 1/00 – Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. Brasília-DF, 2000.